

O PAPEL SOCIAL DO OFICIAL

Cap Art LUIZ PAULO MACEDO CARVALHO

"Para o bem ou para o mal, a educação, no seu sentido mais amplo, é mais poderosa que qualquer outra força à disposição do Estado. Uma educação sólida é a chave de todo o êxito, e o fundamento de toda a prosperidade e grandeza da Nação." Alm Plunkett.

Nesta época conturbada do mundo moderno, em que se agitam as bandeiras de novas doutrinas sociais, sem uma conceituação em termos explícitos e objetivos, na qual o egoísmo supera o altruísmo, e a mediocridade e o "deixa ficar" nivelam os homens, é comum se incriminarem as Forças Armadas de pêso morto e onerosas ao erário — esquecido o papel de agente socializador que exercem mormente por meio de seus oficiais.

Este discutido e controvertido assunto não é manchete de hoje, como pretendem alguns. Há mais de um século o insigne militar e educador francês Lyautey já o debatia em artigo de considerável repercussão internacional nas esferas civis e militares. E, assim, vem sendo objeto de apaixonadas e calorosas polêmicas nas primeiras páginas de grandes jornais, recebendo aplausos e críticas. Em nossos dias é ainda matéria viva de interesse geral.

Nos círculos militares o tema é acolhido com reservas, mal interpretado e até mesmo deliberadamente ignorado por muitos, talvez por negligência ou por julgarem-no insignificante face aos problemas táticos e técnicos. Entretanto, é de salientar-se que destacados soldados cultuaram as armas com o mesmo ardor com que encararam o papel social das Forças Armadas, e a História — juiz implacável — não lhes negou reconhecimento.

Esta importante missão, que implicitamente cabe ao militar de carreira, é no anonimato cumprida por êle, quer queiram ou não. No caso brasileiro, dentro da atual conjuntura político-social, com muito mais forte razão, o profissional das armas deve atender bem para esta nobilitante tarefa que lhe é confiada.

O enorme desarmamento moral — produto da guerra, a reação contra as misérias e as tristezas que afligem a humanidade, o abatimento do espírito público, a indiferença pelo interesse geral, os direitos eclipsando os deveres, a ambição sem fronteiras mascarada de um pseudo-evolu-

nismo, o materialismo ateu sobreposto às leis de Deus, um pacifismo nefasto, aliado ao comodismo conduzem a juventude — já sobrecarregada por extensos currículos e programas — a uma política de facilidades imediatistas camuflada de pragmatismo.

Com o advento do serviço militar obrigatório anualmente milhares de jovens, na quase totalidade adolescentes, das mais diversas origens, credos religiosos, filosóficos e políticos, vêm ter à caserna. Desta forma toda a Nação sem exceção de grupos sociais — empregados e empregadores, iletrados e cultos, pretos e brancos, ricos e pobres, católicos e protestantes, estudantes e operários — isto é, os futuros dirigentes do país e o seu organismo passam, durante o período de sua vida em que estão plasmando sua personalidade, pelas mãos de um tenente, capitão e coronel, de quem recebem substancial influência.

A preparação desta massa heterogênea de modo a ser restituída à sociedade em condições de trabalhar em seu proveito com entusiasmo, sem apatia e ódio, por alguma coisa e não contra alguma coisa, com sadio idealismo e ambição moderada, com olhos fitos no dever sem se deixar ofuscar pelos direitos, sob uma disciplina consciente é o que se faz necessário, agora mais do que nunca, para que o homem não sucumba pela decomposição moral que o individualismo traz.

Por outro lado, os estudos prévios e analíticos do campo-de-batalha do futuro levam a acreditar que na guerra de amanhã as frações de tropa podem cingir-se à ação do soldado isolado, o que exigirá deste elevado padrão moral para lutar e sobreviver.

Portanto, como sói acontecer, é evidente que sobre os oficiais, como alicerces das Fôrças Armadas, repousa a dupla e pesada responsabilidade de modelar o jovem conscrito, não só para enfrentar a tensão do campo-de-batalha do porvir, como também para viver em sociedade e para a sociedade. Por conseguinte, a educação do soldado na sua mais ampla acepção é uma indiscutível e indeclinável obrigação do oficial.

Mas há quem alegue que é impossível educar, no sentido lato da palavra, no presente, porque a variedade e complexidade do material bélico somada à contínua e acelerada evolução da tática e da técnica já tornam a formação do soldado difícil.

Àqueles que assim argumentam, podemos contrapor que embora educar seja laborioso, não implica em achar uma "fórmula mágica", nem tampouco em dispor de um suplemento de horas extras; basta apenas o oficial desincumbir-se de seus misteres normais imbuído do espírito de que é um líder e que a finalidade do serviço militar visa a formação de uma reserva capaz, disciplinada, vigorosa e, sobretudo, de cidadãos conscientizados perfeitamente ajustados à comunidade. A resistência de uma corrente é medida pela resistência dos elos que a integram. À semelhança da corrente, a inobservância de qualquer um desses fatores ao forjar-se uma reserva militar invalidará o título de soldado.

Devolver à sociedade homens mais desenvolvidos, integrados, de melhor apresentação interior e exterior, menos egoístas, concomitantemente sabendo obedecer e querer bem, prontos a se sacrificarem pelo bem comum e tudo dar ao país se preciso fôr, eis, em síntese, a ação socializadora que as Fôrças Armadas cumprem.

Naturalmente, a colimação dêste objetivo requer do oficial maior espírito de abnegação e mais nítida noção de cumprimento do dever. A chave de todo o êxito o oficial a enfeixa quando não se descuida jamais de servir como exemplo, interessa-se por ela um de seus homens em qualquer situação, anima-se do propósito constante de agir com justiça e destacar o valor desta virtude militar, desperta o gôsto pelo asseio individual e por uniformes impecáveis em seus subordinados, faz compreender a necessidade da disciplina e que esta não exclui a estima respeitosa, demonstra que no trabalho de equipe do grupo-de-combate, da seção, do pelotão e da subunidade as comodidades pessoais cedem ante o bem-estar geral e prevalece o anonimato, exalta e revive o amor pela Pátria e o que se deve a esta mãe comum. Assim, cumprindo seu dever militar, no sentido mais puro e elevado, o oficial, de um só golpe, estará também desempenhando o seu papel social.

Isto para não citar o denodado trabalho obscuro do oficial das inóspitas guarnições do interior, que além de suas funções normais, as quais demandam sacrifício e desprendimento, não raro exerce atividades peculiares a um professor, médico, dentista, veterinário, sacerdote, advogado, engenheiro, mecânico, etc.

Se êste programa educacional desenvolvido pelas Fôrças Armadas fôr melhor considerado e apoiado, ver-se-ão novas gerações ingressando na sociedade, transformando o espírito público e levando a ordem e progresso a todos os pontos do território nacional.

O ideal seria que as vozes que se erguem, contrárias às Fôrças Armadas, tornassem suas fecundas palavras, convertidas em verdadeiras portadoras da convicção que a obrigatoriedade do serviço militar, em lugar de constituir um sério problema no início da vida de um jovem, representa um salutar complemento de sua educação.

"Tudo tem sua moral, basta saber achá-la" — o oficial além de militar é um educador.

